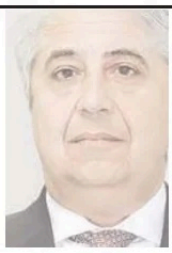
A MÃO VISÍVEL

Observações sobre o impacto das políticas para toda a sociedade e dos efeitos a médio e longo prazo por oposição às de efeitos imediatos e dirigidas apenas a certos grupos da sociedade.

maovisivel@gmail.com


ÁLVARO NASCIMENTO


ANTÓNIO NOGUEIRA LEITE


CARLOS ALBUQUERQUE


JOSÉ BENTO DA SILVA

O pacto que falta

PEDRO BRINCA

Uma semana bastou. Apresentado a 18 de agosto, o relatório das pensões foi congelado pelo Governo que o encomendou e acusado de uma privatização que o próprio texto exclui. Arrumado o incómodo, ficou o essencial: o envelhecimento é, a par da inteligência artificial, o desafio económico do século — e quase nenhum país lhe escapa.

A demografia não se discute: os reformados de 2050 já nasceram. Portugal tem hoje quase dois trabalhadores por pensionista; em 2053 terá cinco a sustentar quatro — e a onda rebenta ao mesmo tempo sobre pensões, saúde e cuidados continuados. O sistema não vai falir: vai cumprir, pagando pensões cada vez mais baixas — a pensão média cai substancialmente em relação ao salário médio até 2070, concentrada em quem hoje tem menos de 45 anos. E cai sem rede: os planos de pensões valem cá 13% do PIB — 95% no conjunto da OCDE.

Outros leram a onda a tempo. Em 1994, cinco partidos suecos, da esquerda à direita, pactuaram sobre a matéria com que mais facilmente se ganham e perdem eleições — e um grupo interpartidário guarda o acordo há 30 anos. No Reino Unido, a adesão automática a pensões profissionais foi legislada pelos trabalhistas e executada pelos conservadores: a cobertura passou de menos de metade para quase nove em cada dez. Na Holanda e na Dinamarca, pilares negociados com os parceiros sociais acumulam ativos acima de 150% do PIB. Chama-se a isto um pacto de regime: uma reforma que sobrevive a quem a assina.

Um pacto assim exige adversários capazes de se sentarem à mesma mesa. Vimos o que temos no pacote laboral: 138 de 144 disposições consensualizadas na Concertação Social e, ainda assim, duas greves gerais e um chumbo, em que o Chega votou com toda a esquerda. Nas pensões, a mesma oposição que hoje grita privatização propunha, no seu Livro Verde, adesão automática e contas individuais de capitalização — e ninguém gritou nada.

E o tempo encarrega-se do resto: os maiores de 65 serão perto de um terço do eleitorado em 2035; o próprio relatório fala de uma janela que se fecha em meados da década de 2040 — Pedro Santa-Clara diz que na de 2030. Monnet avisou: só vemos a necessidade na crise. A Suécia desmentiu-o; nós preparamo-nos para o confirmar — quando a crise chegar, a maioria capaz de responder já não existirá. Não é fácil ver a saída deste labirinto. Mas era bom que ao menos admitíssemos que estamos dentro dele.■

"Os homens só aceitam a mudança na necessidade e só veem a necessidade na crise."

A JEAN MONNET, "MÉMOIRES" (1976)